

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

MARINA LUIZA MASCHIETTO

**A participação política como identidade cultural de uma torcida
organizada: estudo de caso sobre a Gaviões da Fiel Torcida**

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

A participação política como identidade cultural de uma torcida organizada: estudo de caso sobre a Gaviões da Fiel Torcida

Marina Luiza Maschietto

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos

Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira

São Paulo

2020

A participação política como identidade cultural de uma torcida organizada: estudo de caso sobre a Gaviões da Fiel Torcida¹

Marina Luiza Maschietto²

Resumo: Fundamentado nos conceitos de cultura em Thompson, no sentido de identidade em Hall, reforçado pelas ideias de cidadania de Carvalho e Dagnino, bem como de participação de Dallari, este artigo pretende demonstrar a formação e a expressão da identidade cultural da Gaviões da Fiel Torcida a partir de episódios de participação política e do distanciamento de questões como criminalidade e violência. Para tal, o presente trabalho apoiou-se nos estudos de autores que há anos transportam as torcidas organizadas das arquibancadas para a academia. Tais episódios foram compilados retomando aspectos culturais e históricos daquela que até hoje é considerada a maior Torcida Organizada do Sport Club Corinthians Paulista.

Palavras-chave: Torcidas Organizadas. Gaviões da Fiel. Identidade Cultural. Futebol.

Abstract: Based on the concepts of culture in Thompson, the sense of identity in Hall, reinforced by the ideas of citizenship by Carvalho and Dagnino, as well as the participation of Dallari, the formation and expression of the cultural identity of the Grêmio Recreativo Cultural Gaviões da Fiel Torcida was studied from episodes of political participation and distance from issues such as crime and violence. To this end, authors based their studies who have been transporting organized fans from the stands to the academy for years. Thus, such episodes were brought together, resuming cultural and historical aspects of what is still considered the biggest Organized Fan of Sport Club Corinthians Paulista.

Keywords: Crowd. Gaviões da Fiel. Cultural Identity. Soccer.

Resumen: Partiendo de los conceptos de cultura en Thompson, el sentido de identidad en Hall, reforzada por las ideas de ciudadanía de Carvalho y Dagnino, así como la participación de Dallari, la formación y expresión de la identidad cultural del Grêmio Recreativo Cultural Gaviões da Fiel Torcida, desde episodios de participación política. Para ello basaron sus estudios autores que llevan años transportando a los aficionados organizados desde las gradas a la academia. De esta manera, se reunieron episodios de este tipo, retomando aspectos culturales e históricos de lo que todavía se considera el mayor Fan Organizado del Club Deportivo Corinthians Paulista.

Palabras clave: Hinchadas. Gaviões da Fiel. Identidad cultural. Fútbol.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos, produzido sob orientação do Prof Dr. Silas Nogueira.

² Graduada em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (2018).

1 INTRODUÇÃO

A necessidade de promover reflexões sobre torcidas organizadas a partir da perspectiva cultural se dá quando fica entendido que cultura implicará em disputas e tensões de tempo e principalmente espaços, sejam eles físicos ou simbólicos.

Com base em Rinke (2017), é possível afirmar que a violência nos estádios de futebol caracteriza um fenômeno transnacional que acompanha o esporte praticamente desde sua constituição como evento de massa, o que confirma Toledo (2010) quando cita, além da aludida transformação, a inauguração em 1940 do estádio do Pacaembu, que reuniu pela primeira vez no Brasil um “contingente expressivo de torcedores (aproximadamente 60 mil indivíduos)”. Nessa época, eram verificados “os maiores cuidados com a intolerância e as brigas entre torcedores que, diga-se de passagem, já pipocavam desde a época do amadorismo anterior aos anos trinta”, conforme expresso em Negreiros (1992) quando menciona a violência presente dentro das quatro linhas na década de 1910, no “constante contato entre corpos na disputa pela posse da bola” ou ainda na “violência que objetivava apenas evitar que o jogador adversário continuasse a avançar com o domínio da pelota.”.

Isto posto, entende-se o referido aspecto como quase intrínseco ao esporte, uma característica que, apesar de não poder ser ignorada, nesse artigo foi posta de lado, dedicando-se a demonstrar outras facetas do futebol, bem como a de seus adeptos, os chamados “torcedores organizados”. Segundo Rinke (2017), no decorrer do século XX o futebol se desenvolveu para além de um mero esporte, transformando-se em um “[...] fenômeno coletivo que se distingue dos exercícios físicos predecessores por atrair, com regularidade, um público em massa composto por pessoas de diversas classes sociais”. Para Toledo (2010, p.177), o universo do futebol pode ser compreendido como “como uma espécie de prisma por onde milhões de aficionados projetam e refratam infinitas frações de si mesmos uns sobre os outros”, sendo que tais projeções e trocas ocorrem “a partir dos incontáveis jogos vivenciados, interiorizando práticas num redemoinho vastíssimo de experiências compartilhadas,” (TOLEDO, 2010, p.177), por isso “as potências do torcer talvez sejam aquelas que mais escapam às análises totalizantes e aos arranjos explicativos normativos [...]”(TOLEDO, 2010, p. 177).

Já Eduardo Galeano (2018), em seu livro “Futebol ao Sol e à Sombra”, traz uma definição sobre o “torcedor” classificando-o como aquele que uma vez por semana foge de casa e vai ao estádio, além de identificar como raro o aficionado que diz “meu time joga hoje”. Sempre é “nós jogamos hoje”, pois o torcedor joga junto, é o jogador número doze da equipe. Em adição a isso, existe o que Galeano (2018) chama de “fanático”, o que mais se assemelha ao torcedor organizado, pois, diz o autor, “o fanático chega ao estádio embrulhado na bandeira

do time,[...] cravado de objetos estridentes e contundentes, e no caminho já vem fazendo muito barulho e armando muita confusão. Nunca vem sozinho”, comparando ainda que “jogar sem torcida é como dançar sem música”, semelhantemente ao que Rinke (2017) coloca sobre nenhum programa de computador ou qualquer tipo de gravação eletrônica ser capaz de replicar “a atmosfera que os torcedores produzem com seus cânticos coletivos.” e na ideia de que “a experiência dentro do estádio é vivida com os torcedores e a partir deles.”(RINKE, 2017, p.9).

Reconhecendo que o espaço analisado está inserido em um contexto urbano, tem-se em McLuhan (1978) a defesa da ideia de que todo ambiente urbano é espaço pedagógico onde todos possuem uma mensagem a declarar e um fio que ligar. Dessa forma, o estádio e as torcidas não estão fora da lógica aludida. Pelo contrário, eles configuram mais espaços pedagógicos com mensagens específicas a serem transmitidas.

Os estudos referentes às torcidas organizadas, em particular sobre a Gaviões da Fiel, acumulam-se desde, pelo menos, a década de 1970, quando o futebol foi legitimado nos estudos das Ciências Sociais, conforme Hollanda (2015 p.24) “A tessitura discursiva que dá “significância histórica” ao “corinthianismo” é materializada pela publicação de uma série de textos, assinados por sociólogos, cientistas políticos e professores da Universidade de São Paulo (USP)[...]”. No entanto, embora exista uma quantidade expressiva de estudos acadêmicos dedicados ao Corinthians e à torcida organizada Gaviões da Fiel, da perspectiva da cultura e da política ainda há muitas possibilidades a serem exploradas e debatidas.

A fim de contextualizar o todo complexo consistido pelo Grêmio Recreativo Cultural Gaviões da Fiel Torcida, recorre-se a Hollanda (2015), que retrata a agremiação como “uma torcida dotada de uma ampla estrutura física, que contempla sede social, quadra de ensaios e diversos espaços no bairro com Bom Retiro, centro de São Paulo [...]” - coincidentemente, bairro de fundação do Sport Club Corinthians Paulista. A essa estrutura, Costa (2015, p.65) acrescenta a existência de dois bares, um barracão além de “[...] doze departamentos (Bandeira e Estádio, Bar e Lanchonete, Esportes, Social, Corinthians, Jurídico, Almoxarifado, Carnaval, Assessoria de Imprensa, Cultura, Patrimônio e Reformas e Bens)”. Os departamentos mencionados, nas palavras de Costa (2005 p. 65), “são formados por comissões (de três a dez pessoas) de torcedores, participação não remunerada.”.

Existe, além do mais, outra comissão, responsável pela “gestão do carnaval (a administração e contabilidade do carnaval são separadas daquelas da torcida)”. Todavia, Costa (2015, p. 65) expõe que ademais dos departamentos existe um órgão máximo de decisão, composto por 40 membros, em que metade deles possui mandato vitalício e a outra metade, mandatos bianuais, compondo o conselho deliberativo por onde passam as mais importantes

decisões da entidade como, por exemplo, sua participação no carnaval e a eleição do presidente e diretoria. (COSTA 2015, p.65).

Partindo desse pressuposto, estudou-se a torcida organizada à luz da identidade cultural expressa em suas trocas simbólicas, a partir do olhar para situações nas quais a Gaviões da Fiel Torcida se manifestou politicamente. Reforça-se que o objeto a ser estudado é a torcida, embora invariavelmente a escola de samba apareça na historiografia da agremiação, afinal ela faz parte do todo complexo que é o Grêmio Recreativo Cultural Gaviões da Fiel Torcida, mas se faz necessário elucidar que esse não será o enfoque principal do artigo.

Dessa forma, tem-se como objetivo estudar a formação e expressão da identidade cultural da Gaviões da Fiel Torcida por meio da análise dos episódios de participações políticas da torcida, apresentando aspectos históricos da Gaviões e sua relação com o Sport Clube Corinthians Paulista e relatando momentos históricos em que a torcida se posicionou politicamente.

“CONTRA TODO DITADOR QUE NO TIMÃO QUISER MANDAR”

Apesar de ser dito que “a Gaviões é uma torcida que tem um time”, é necessário voltar 110 anos na história e refazer parte do caminho de construção do Sport Clube Corinthians Paulista, tratado adiante nesse artigo somente por Corinthians, uma vez que o clube é o motivo de existência da Gaviões. Sendo assim, contextualizam-se o momento e o território de nascimento do Corinthians. Para Simões (2017, p. 56), a popularização do futebol deu-se por meio de uma ruptura na estrutura do esporte, até então amador e elitista, e ocorreu no período devido “à prática livre e popular do futebol nas ruas, praças e terrenos baldios” e o alçou a uma nova relação com o cotidiano, o que era desaprovado pela elite e imprensa da época, gerando pelas camadas populares um movimento que possibilitou a fundação de clubes mais modestos, constituídos por operários conforme expresso por Simões (2017):

O Corinthians, igualmente, teria recorrido a administradores de fábricas que pudessem contribuir com seus orçamentos para a estruturação do clube. Essas vias de popularização, que colocaram diferentes tipos de trabalhadores braçais frente a clubes de jovens da alta sociedade, causaria uma série de conflitos que se consubstanciaram em rompimentos de ligas. Era flagrante e largamente documentado o desinteresse dos clubes de elite em compartilhar as mesmas competições, campos e ambientes de trabalhadores braçais[...] motivadas por fortes sentimentos racistas e elitistas.

Mesmo que, segundo Negreiros (1992), a fundação do Corinthians tenha sido apenas mais um nascimento de clube na capital de São Paulo, conta-se que a constituição do clube teria sido pensada de forma diferenciada. Sob a luz de um lampião no bairro do Bom Retiro, na esquina das Ruas José Paulino e Cônego Martins, Mills (2005) expõe que há algum tempo um grupo de operários, formado por Anselmo Corrêa, Antônio Pereira, Carlos Silva, Joaquim Ambrósio e Raphael Perrone, funcionários da São Paulo Railway³, trabalhava na ideia de instauração de um clube de futebol ao qual o povo tivesse acesso. Durante a reunião de fundação, inspirados pela passagem do clube inglês Corinthian Football Club⁴, ressalta Mills (2005) que Joaquim Ambrósio enfaticamente sugeriu que fosse chamado Sport Club Corinthians Paulista, “em honra ao Timão inglês que tanto eles haviam admirado” (Mills, 2005, p. 167). Nascia dessa forma o “Coringão”, na noite de 1º de Setembro de 1910.

³ Primeira ferrovia construída em São Paulo, segunda no Brasil, financiada com capital inglês, ligava o município de Santos. (METRO, 2012)

⁴ Denominado, desde 1939, Corinthian-Casuals Football Club, devida a união com o Casual Football Club, após dificuldades sofridas decorrentes da Primeira Guerra Mundial. (MILLS, 2005).

A vontade de que o Corinthians fosse um clube do povo e para o povo vem desde sua criação, conforme é possível perceber no excerto de Piva (2015, p. 296):

O primeiro presidente do Corinthians foi o alfaiate Miguel Battaglia que, já na época, proferiu a famosa frase que se eternizou no imaginário do clube: “O Corinthians vai ser o time do povo e o povo é quem vai fazer o time.”

Sobre as cores do Corinthians, diz Mills (2005) que na excursão do Corinthian Team em 1910 o time jogava com calção preto e camisa branca, similar ao uniforme adotado pelo Corinthians Paulista posteriormente. O contexto histórico que abrange os primeiros anos de existência do Corinthians está presente no longo caminho que o conceito de cidadania percorre em Carvalho (2012) e é chamado pelo autor de “cidadania operária”, compondo o pontapé inicial para a traçar o paralelo entre a trajetória do conceito, bem como do tema aqui abordado.

Segundo Carvalho (2012), a escravidão configurava um obstáculo para a construção de uma cidadania plenamente participativa, e a existência da uma classe operária “deveria significar a possibilidade da formação de cidadãos mais ativos”. Sendo assim, constituiu-se no estado de São Paulo “o movimento operário como um todo mais agressivo, culminando em uma grande greve geral em 1917” (CARVALHO, 2012, p. 59). Em função disso, sob a perspectiva da cidadania, ressalta-se que o movimento em questão lutava por direitos básicos, como o de se organizar, de se manifestar, de escolher o trabalho e fazer greve, além das lutas por uma legislação trabalhista que regulasse o horário de trabalho, por exemplo.

Não se pode afirmar que os operários que deram origem ao Corinthians participaram efetivamente da greve de 1917, mas há similaridade de pensamento entre as ideias do movimento e as ideias que partilhavam os fundadores do clube, quando se observa o desejo de construção de um time de futebol ao qual o povo tivesse acesso. Apesar deste contexto histórico de reivindicações e lutas que percorre o âmbito do futebol, Costa (2015) informa que, no Brasil, devido à manipulação do esporte pela elite (os chamados “cartolas”) e pelos políticos, durante muito tempo perdurou a ideia de que o futebol seria o “ópio do povo”, “demonstrando, aí, uma visão limitada de importantes aspectos da cultura popular brasileira.” (COSTA, 2015, p. 60).

“OS GAVIÕES NASCERAM PRA PODER REIVINDICAR”

O corinthiano é fiel por definição. Costa (2015) enuncia que “o amor pelo Corinthians, contam os torcedores, é de difícil explicação, é antes de tudo um sentimento que brota do fundo da alma, do coração”. Este sentimento certamente essa é uma das características mais marcantes quando se fala em Corinthians, pois sua grandeza não vem do número de associados, tampouco da quantidade de títulos, e sim da postura de seus torcedores. Couto (2015, p. 16) corrobora essa identidade intrínseca ao torcedor corinthiano quando diz “se o corinthiano típico é fiel porque não se esconde na adversidade do time, mas também porque comparece ao estádio, o torcedor organizado se esconde ainda menos e comparece ainda mais”, completando que o torcedor organizado mantém uma “dupla fidelidade: ao time de coração e à torcida de coração” (COUTO, 2015). A fidelidade em questão é demonstrada por meio das viagens para ver o time jogar assim como no estádio local. Conforme exprime Couto (2015 p. 17), “deste modo, quando viaja para ver o time é com a torcida que ele vai. No estádio, senta-se com seus companheiros de facção, grita os seus brados de guerra particulares e ostenta seus próprios símbolos [...]”.

Fundada em 1º de Julho de 1969, a Gaviões da Fiel Torcida surgiu no contexto político da ditadura militar quando a liberdade de expressão estava comprometida pelos órgãos de repressão. Seus idealizadores e fundadores eram jovens corinthianos que se reuniam nas arquibancadas e possuíam um interesse comum que extrapolava o torcer pelo Corinthians. Nas palavras de Moraes (2015, p. 291), “[...] o motor gerador desses jovens era a paixão pelas coisas do TIMÃO”. O objetivo do grupo era questionar questões políticas e administrativas do time. Na época, conforme exposto por Hollanda (2015 p. 25), “o pano de fundo era o final dos anos 1960, no contexto ditatorial pós AI-5, quando um político-presidente, então deputado da ARENA, dirigia havia dez anos o ‘time do povo’”. Conta-se que “[...] o presidente do Corinthians chegava a contratar capangas para intimidar os torcedores que lhe faziam oposição. Tal luta é extensiva ao que ocorria na sociedade brasileira, como se o clube paulistano fosse um microcosmo da política da época.” (HOLLANDA 2015, P.25-26).

De acordo com Canale (2017), o período do deputado no clube ficou marcado pela ausência de títulos, além das atitudes repressivas dos dirigentes do time, e esses fatores geraram revolta e descontentamento dos torcedores corinthianos, conforme narra um dos ex-presidente da Gaviões sobre o momento histórico de criação da torcida:

O ano é 1969. A ditadura militar reprime, prende e assassina sem piedade. Nas ruas, os estudantes pedem o fim do regime de opressão. Clamam por anistia ampla e geral. O medo é total. Nos quartéis lhes

ensinam uma antiga lição; morrer pela pátria e viver sem razão. Quase tudo é proibido. (MORAES, 2015, p. 291).

Com base nesse contexto, o movimento de pressão e questionamentos começou a se formar em 1965, informalmente, sem local definido para reuniões de acordo com Moraes (2015). O que permanecia era o sentimento de descontentamento com a realidade do clube, e a finalidade das reuniões era discutir e formas possíveis para colaborar com a vida da agremiação esportiva, “não só incentivando o time, mas também participando da vida política administrativa do Sport Club Corinthians Paulista” (MORAES, 2017, p. 292). Foi com essa visão questionadora e participativa que se originou a primeira torcida organizada do Corinthians, que já se destacava pela paixão, pela ideologia e pelo caráter realizador que possuíam e perdura até hoje, após 51 anos da entidade.

O surgimento da Gaviões da Fiel Torcida coincide com um período que, segundo Carvalho (2012), pode ser definido como a segunda fase da Ditadura Militar, de 1968 até 1974, compreendendo os anos mais severos da repressão e mais sombrios da história do país do ponto de vista dos direitos civis e políticos, ao encontro do que cita Moraes. Carvalho (2012) completa que qualquer suspeita de envolvimento com o que fosse considerado subversivo poderia custar o emprego, direitos políticos, quando não a liberdade do indivíduo suspeito. O ano de 1968 é marcado por uma retomada autoritária, conforme exposto em Carvalho (2012, p. 161):

Neste ano, voltaram a mobilizar-se contra o governo alguns setores da sociedade, sobretudo operários e estudantes.[...] Os estudantes saíram às ruas em grandes marchas pela democratização, e um deles, Edson Luís, foi morto em uma das manifestações.

Desde a criação, a ideia sempre foi além de alentar e apoiar o time independentemente do que aconteça, como profere em um dos manifestos da torcida “os Gaviões nasceram pra poder reivindicar, o direito da fiel que paga ingresso sem parar”, além de se autodeclarar a força independente do Corinthians. Por essa razão, a torcida corinthiana sempre foi motivo de estudo, contudo, durante algum tempo, os estudos em evidência eram pautados na criminalidade e na violência, principalmente na década de 1990.

O espetáculo promovido pelas torcidas organizadas dentro do estádio é frequentemente comparado ao teatro, como expresso em Guilhon (2017 p. 77) na passagem “assim, ódio paixão, tristeza, euforia e cólera serão emoções experimentadas seja pelos espectadores das tragédias gregas seja pelos torcedores presentes ao estádio”. A referida analogia é feita porque não é possível repetir a atmosfera de confraternização, interação e festa das arquibancadas em nenhum outro meio, é algo que é necessário viver, e viver dentro de uma torcida para entender

como funciona, ou ainda, como se constrói a relação do time de futebol com o sua torcida. Sobre isso, “[...] as torcidas também são um fator de energia positiva. Elas dão expressão às identidades locais e regionais e promovem a união e a solidariedade, por exemplo, em diferentes bairros da cidade”. (RINKE, 2017).

Como forma de elucidar o caminho percorrido, bem como a relação estabelecida entre cultura e a questão das torcidas organizadas no Brasil, é possível citar Costa (2015) ao trazer a visão de que, bem como em outras manifestações culturais, o jogo, o estádio e a torcida compõem um espetáculo no qual, por meio do futebol, muitas características da cultura brasileira são reveladas. A respeito disso acrescenta o autor:

É fascinante como numa sociedade permeada por relações capitalistas tão profundas e consolidadas, que tendem a homogeneizar todas as relações, possam surgir organizações que denunciem o utilitarismo como valor e estejam carregadas de forte conteúdo da cultura nacional. (COSTA, 2015 p.76)

Dessa forma, faz-se indispensável rever alguns conceitos sobre cultura. Para Thompson (2011), cultura não se trata apenas de uma questão de objetos e fatos que ocorrem, simplesmente, mas sim de um fenômeno que abrange uma série de ações e expressões significativas, bem como manifestações verbais, símbolos, textos e de artefatos dos mais diversos tipos. Além disso, Thompson descreve e defende que as características de uma manifestação cultural são, também e principalmente, os indivíduos que atuam por meio desses artefatos e expressões e que reconhecem os símbolos, ademais de procurarem entender a si mesmos e aos outros pela interpretação dos significados produzidos e recebidos.

Construindo a concepção estrutural de cultura em Thompson (2011), em que fenômenos culturais podem ser entendidos como formas simbólicas em contextos estruturados realizados em períodos sócio históricos particulares (os ditos campos de interação) - sendo, nesse caso, o fenômeno a torcida organizada e o contexto estruturado, o estádio de forma geral, a sede da Gaviões da Fiel Torcida e outros locais em que se reúnem os torcedores.

Segundo o autor, outro elemento que compõe a concepção estrutural de cultura são os indivíduos, sendo estes específicos, providos de recursos específicos e diferentes graus de poder, o que também se observa na organização da Gaviões, quando se percebe uma hierarquia na tomada de decisão devido à estruturação da entidade, composta por presidente, vice-presidente e conselho deliberativo, refletindo o que Thompson (2011) coloca como fenômenos culturais. Eles podem ser entendidos como a expressão das relações de poder, servindo para manter ou romper tais relações, sujeitando-se às múltiplas e, em alguns casos, divergentes e conflitivas interpretações pelos indivíduos que percebem e recebem tal fenômeno no curso de

sua vida cotidiana. Reforça-se que a análise cultural proposta nesse estudo, ainda segundo Thompson (2011, p.22), é entendida como o “estudo da constituição significativa e da contextualização das formas simbólicas.”.

Sobre isso, tem-se em Sodré (2005, p.11) a prática cultural definida como “um processo de expressividade simbólica e de distinções sociais pela sensibilidade individual”. Dessa forma, refletir acerca das torcidas organizadas, para além de criminalização e violência, é entender que o ato de se reunir para torcer se enquadra numa manifestação cultural e política que implica disputas e tensões, de tempo e principalmente espaços, sejam eles físicos ou simbólicos, podendo ser citados o estádio, a cidade e a dimensão entre torcida e clube, por exemplo.

Thompson (2011) relata a busca do grupo por objetivos comuns e interesses, dentro de um determinado campo de interação, que se baseia em regras e convenções, gerando um comportamento específico que pode traduzir traços da identidade daquele determinado grupo, o que Rancière (2005) classifica de partilha do sensível e, nesse caso, pode ser pensado a partir do lema “Lealdade, Humildade e Procedimento” seguido pelos integrantes da Gaviões.

Tal lema compõe um traço determinante para a identidade da torcida, enquadrando-se, também, nas noções de identidade expressas em Hall (2006) sobre a identidade não como fixa, essencial ou permanente, mas sim como “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente”. Sobre isso nos disserta Costa (2015 p. 72): “O Grêmio Gaviões da Fiel, em meio a uma sociedade de organizações impessoais, ofereceu ao torcedor o veículo de expressão e de vivência de certo tipo de emoção, permitindo-lhe adquirir uma identidade social”.

Desse modo, partindo do pressuposto das culturas nacionais como principais fontes de identidade cultural, Hall (2006) considera a globalização como fator primordial para a formação da identidade do sujeito pós-moderno, alegando que “ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans históricas” (HALL, 2006, p.87). Trazendo para o nosso objeto de pesquisa, a Gaviões da Fiel, especificamente, tem-se em Costa (2015 p.72) o seguinte: “o Grêmio Gaviões da Fiel nasceu em consequência de um esgotamento da capacidade do futebol, enquanto espetáculo, em estimular laços de identidade e solidariedade”. Além disso, o autor destaca que “[...] O Grêmio Gaviões da Fiel cria as condições de manifestação desse sentimento

e absorve, como organização dotada de “personalidade” e cultura, as características de emoção de seus membros” (COSTA, 2015 p. 72).

Para Sodré (2005, p.10), “a cultura designará o modo de relacionamento com o real, com a possibilidade de esvaziar paradigmas de estabilidade do sentido, de abolir a universalização das verdades, de indeterminar, insinuando novas regras para o jogo humano”, enfatizando com esse prisma que toda e qualquer cultura dispõe de diferentes formas de elaboração e de participação. Participação essa observada, inclusive, por Moraes (2015) quando ressalta, além da participação na vida política do clube, a união de teoria e prática que possibilitou transformar a Gaviões na entidade que é nos dias atuais.

“NÃO TEMOS MEDO DE ACABAR”

Quando se fala em Gaviões da Fiel, constantemente lembra-se de seu aspecto politizado, demonstrando, dessa maneira, a faceta que se explora no presente artigo: a da nítida participação política em determinados momentos da história da torcida conforme veremos a seguir.

Para Dallari (1984, p. 46-47), todo grupo organizado tem potencial para exercer influência política, acrescentando que “os grupos mais numerosos e mais bem organizados são, como é óbvio, capazes de exercer maior influência, podendo mesmo adquirir um peso considerável nas decisões dos partidos políticos e do próprio governo, em seus diversos níveis”. Continua Dallari (1984) que participação política não consiste apenas na mera participação de um sistema eleitoral, podendo ser feita de outras formas, eventualmente mais eficientes, ademais de reforçar que a “a participação através do voto é o mínimo que se deve exigir para cada cidadão numa democracia representativa” (DALLARI, 1984 p.55).

Esta ideia de participação pode ser enquadrada no conceito apresentado por Dagnigo (2004, p.103) de nova cidadania, ou cidadania ampliada, que começa a ganhar formulação pelos movimentos sociais no final da década de 1970 e toma força ao longo dos anos 1980, quando os movimentos citados “se organizaram no Brasil em torno de demandas de acesso aos equipamentos urbanos como moradia, água, luz, transporte, educação, saúde, etc. e de questões como gênero, raça, etnia, etc.”. Ainda segundo Dagnigo (2004) a ampliação do conceito foi:

Inspirada na sua origem pela luta pelos direitos humanos (e contribuindo para a progressiva ampliação do seu significado) como parte da resistência contra a ditadura, essa concepção buscava implementar um projeto de construção democrática, de transformação social, que impõe um laço constitutivo entre cultura e política.

Dallari (1984) realça a política enquanto conjugação das ações de indivíduos e grupos humanos dirigidas para um fim comum, assinalando que a participação pode ser realizada quando esses indivíduos têm o objetivos de defender ou promover certos interesses que tenham relevância no meio social. Tais interações geralmente são realizadas por meio de reuniões “e, se for o caso, podem ser traçados planos para uma ação conjunta.” (DALLARI P.68).

Nesse contexto registra-se uma intervenção da Gaviões ocorrida em 1979, que segundo Hollanda (2015) foi enraizada na “mitologia” da torcida: a faixa pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita, estendida na área ocupada pela Gaviões da Fiel, no estádio do Morumbi, que contava com cerca de cem mil espectadores, durante uma partida contra o Santos. Caracterizando um marco inicial para o estudo sobre a participação política da Gaviões. Segundo Berté (2016), o ato realizado no estádio a capital foi estratégico, fruto de uma articulação entre o Comitê

Brasileiro pela Anistia (CBA) e a torcida organizada Gaviões da Fiel, tendo como objetivo levar a mensagem da anistia, por meio da bandeira, a um público mais amplo.

Dentro do referido contexto trazido por Dagnino está localizado o movimento Democracia Corinthiana, ocorrido entre 1982 e 1985, encabeçado pelos jogadores Sócrates, Wladimir, Casagrande e Zenon, que tinha como objetivo a luta contra a ditadura militar. Para além disso, a manifestação revolucionou o modo de gestão do clube, que contava com o sociólogo Adilson Monteiro Alves como diretor de futebol à época. Nesse cenário, decisões como contratações de profissionais, regras internas e até mesmo escalações eram definidas em conjunto e todos os votos tinham o mesmo peso, tanto de jogadores quanto da comissão técnica.

A década de 1990 foi marcada pelas proibições e, até certo ponto, perseguições às torcidas organizadas. Inclusive, Piva (2015 p.306) sublinha um episódio marcante na história das torcidas e do futebol brasileiro conforme segue: “Após enfrentamento entre as torcidas do Palmeiras e São Paulo no Pacaembu, uniformes, faixas, bandeiras e instrumentos de bateria de torcidas organizadas são proibidos de entrar nos estádios”.

“NOSSA CORRENTE É FORTE E JAMAIS SE QUEBRARÁ”

A década de 1990, conhecido popularmente como período das proibições, foi marcado pela participação (também política) da Gaviões dentro dos estádios, na luta pela volta do uso de suas camisas, bandeiras e instrumentos característicos. Conforme descreve Wildner Rocha, conhecido como Pulguinha em vídeo transmitido pelo canal Hoolibras (2020):

A década de 90 foi uma grande metamorfose pras torcidas.[...] Pós a briga do Pacaembu, eu lembro que o primeiro jogo que os Gaviões foram foi no Parque Antártica [...] à paisana, estava tudo proibido, chegamos na arquibancada do Parque Antártica e só tinha a gente, uns 15 gato pingado [...] e foi bizarro porque tinha policiamento, eles todos centrados na gente, a gente se reuniu e o Metaleiro disse ‘não, a gente vai cantar’, então vamos fazer o breque: Gavi-... no “ões” a gente já estava detido.

Seguindo em sua narrativa, Rocha reflete sobre o sentimento parecido ao contexto que tange a fundação da torcida, conforme segue:

a gente ia pro estádio, cantava e ia preso, pagava o ingresso, subia na arquibancada, onde historicamente a torcida ficava, começava a cantar as músicas... Corinthians, mas quando cantava Gaviões ia todo mundo detido. No começo era truculento, chegou uma época que a coisa já estava costumeira, os policiais já puxavam pelo nome, os policiais estavam ali conosco todo domingo, chegou uma hora que não tinha também ser truculento. As primeiras foram, era proibição, a gente com a rebeldia, mas foi onde os Gaviões foram pioneiros e não se acomodou, porque nosso papel jamais é se acomodar mediante qualquer luta que envolva o nosso mundo de organizada.[...] (HOOLIBRAS, 2020)

Esse período foi marcado também pelos movimentos associativos no âmbito das torcidas organizadas, com o surgimento da Associação das Torcidas Organizadas de São Paulo (Atoesp), do Movimento das Torcidas Organizadas (MTO) e da Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (Conatorg), atualmente extintos. Rocha por fim ressalta que para voltar a ter o direito de utilizar as camisas, faixas e instrumentos foi necessário um processo jurídico, o que Moraes (2015) também frisa em sua fala:

O policiamento começou a permitir alguns dizeres, mas era uma identificação nossa. A gente conseguia burlar algumas situações para continuar se reunindo. [...] o Ministério Público entrou com ações contra todas as torcidas aqui de São Paulo. [...] Juridicamente eles não conseguiam provar, as nossas ações não eram violentas, não eram de fins violentos. [...] Depois a gente entrou com ação para voltar ao estádio, nós que entramos com ação, para entrar com a faixa. A gente brigou muito [...] Mas, aos poucos, a gente conseguiu retornar.

Um dos fundadores da Gaviões da Fiel, Chico Malfitani também relembra o momento conturbado ao explicar que, para driblar a proibição, havia uma tática de posicionamento no espaço onde os torcedores habitualmente se situavam dentro do estádio, e dado o veto de materiais referentes à torcida organizada eles tiravam a camisa como sinal de protesto para

demonstrar resistência, pois, segundo Malfitani, “por mais que tentassem extinguir a gente, não conseguiram porque não conseguem proibir a nossa presença no estádio” (HOOLIBRAS, 2020).

De acordo com Rocha, dentre esses artifícios para burlar as proibições foram feitas faixas sem o nome da organizada, somente com a frase “pelo Corinthians, com muito amor até o fim”, camisetas com o símbolo do Corinthians com as listras “com pequenas identificações que pudessem identificar o nosso povo no estádio” e completa pronunciando que um dos marcos mais duros desse momento foi apoiar o time sem os instrumentos, determinantes para puxar a torcida, finalizando que “Você apoiar o Corinthians só na palma da mão é muito diferente sem ter a batucada, sem ter o samba, sem ter o surdo marcando.” (HOOLIBRAS, 2020).

No que diz respeito à participação e à relação com movimentos sociais, tem-se na macropolítica desde os anos 1990 o apoio da Gaviões a candidatos em pleitos municipais e estaduais, elegendo vereadores e deputados. Fora isso, há também o envolvimento de lideranças da torcida com movimentos sociais como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), a CUT (Central Única dos Trabalhadores) e o MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto), aderindo a manifestações populares, como nas Jornadas de Junho de 2013, à defesa ao direito de greve de professores, entre outras categorias de profissionais. (HOLLANDA, 2015, p. 33). Sobre a relação com o MST expressa Rocha (2015):

A gente tinha uma grande admiração quando a gente via o MST em luta. As pessoas, o trabalhador, o perfil das pessoas. Tudo senhor de idade do campo, com aquela garra de mudar. Isso é mágico, isso aí para nós... E a gente um bando de uma torcida com mil jovens nas costas e todos alienados, todos com preguiça [...]. O MST sempre fez muita questão de procurar ensinar para a gente o que eles têm de melhor, que é o conhecimento dessa luta toda [...]. A gente trocava essa experiência, criamos umas dinâmicas na época, fizemos formação com o MST, que era uma formação específica. A gente discutia a cidade, mas o futebol também junto. Então a gente fez pequenas coisas com o movimento, pequenas coisas de formação, mas que a gente manteve um vínculo até os dias de hoje.

Outro capítulo interessante das participações políticas da Gaviões a ser citado é o protesto que ocorreu em 2016⁵ contra o deputado estadual Fernando Capez, alvo da Operação Alba Branca, que ficou conhecida como CPI das Merendas e investigava superfaturamento e pagamento de propina em contratos de merenda escolar. Nesse período, repetindo os atos de

⁵ Folha de São Paulo. Apuração sobre merenda escolar começou após briga em cooperativa. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/01/1735356-apuracao-sobre-merenda-escolar-comecou-apos-briga-em-cooperativa.shtml>

1979 quando a torcida ergueu a supracitada faixa da anistia, foi levantada na Arena Corinthians, em Itaquera, a faixa “quem vai punir o ladrão de merenda”⁶. Nesse mesmo intervalo de tempo, as reivindicações se estendiam a outros órgãos como a Rede Globo de Televisão, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e a FPF (Federação Paulista de Futebol).

Seguindo nos protestos recentes, a Gaviões da Fiel também teve sua participação nas eleições de 2018, ao divulgar uma nota se colocando contra a candidatura do atual presidente da República, Jair Bolsonaro:

Hoje, com mais de 112 mil associados, entendemos existirem diferentes formas de pensar e posicionar-se numa sociedade democrática. Respeitamos essa pluralidade de ideias, pois ela é a essência da democracia pelo qual nossos fundadores lutaram. Não podemos, portanto, concordar jamais com quem se posiciona justamente contrário aos valores básicos do Estado Democrático de Direito. Não se trata de exigir que nossos associados se posicionem obrigatoriamente à esquerda ou direita, mas em um momento conturbado de nossa política, pedimos para que nossos associados olhem para nosso passado e entendam tudo o que hoje fomenta nossa ideologia. Afinal, foi contra todo ditador que no Timão quisera mandar que os Gaviões nasceram pra poder reivindicar. (GAVIÕES DA FIEL TORCIDA, 2018)

⁶ Causa Operária. Torcida do Corinthians protesta contra roubo da merenda. https://www.causaoperaria.org.br/acervo/blog/2016/02/25/torcida-do-corinthians-protesta-contraroubo-da-merenda/#.X6o_iGhKjIU.

Um detalhe importante presente na nota em repúdio ao candidato é o trecho que remonta o chamado Breque, cantado em estádios, que por si só atua como um manifesto sobre a Gaviões, demonstrando parte de sua identidade, conforme segue:

Contra todo ditador que no timão quiser mandar
 Os Gaviões nasceram pra poder reivindicar
 O direito da Fiel que paga ingresso sem parar
 Não temos medo de acabar
 Corinthians joga eu vou tá lá
 Nossa corrente é forte e jamais se quebrará
 Pelo Corinthians
 Com muito amor
 Até o Fim
 Ga-vi-ões Fiel (GAVIÕES DA FIEL TORCIDA)

É importante ressaltar que, embora a Democracia Corinthiana dividisse opiniões naquela época como expresso no artigo de Florenzano (2015) com o relato da existência da faixa “democracia sim, bagunça não”, em 2020 o termo novamente volta a ser utilizado por integrantes da Gaviões da Fiel nas manifestações em defesa da democracia, contra o governo Bolsonaro, a fim de dissolver uma manifestação em apoio ao presidente que ocorria na Avenida Paulista e contra o avanço das tendências fascistas de seu governo⁷.

Salienta-se, além do mais, que a discussão sobre participação política dentro do futebol não se esgota aqui e, apesar de poder ser considerada um traço identitário da Gaviões da Fiel, não envolve somente as organizadas, podendo ser citado como exemplo o Movimento Toda Poderosa Corinthiana e o Coletivo Democracia Corinthiana, movimentos de torcedores e torcedoras comuns do clube paulista, não obrigatoriamente de torcidas organizadas que atuam dentro do campo político.

⁷ Rede Brasil Atual. Ato organizado pela Gaviões da Fiel une torcedores de todos os times contra fascismo de Bolsonaro. <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/05/ato-organizado-pela-gavioes-da-fiel-une-torcedores-de-todos-os-times-contra-fascismo-de-bolsonaro/>

“PELO CORINTHIANS COM MUITO AMOR ATÉ O FIM”

Costa (2015) descreve que apesar dos poucos recursos administrativos, uma baixa formalidade nas relações, estruturada e pautada no trabalho voluntário e na “participação, com uma lógica política emotiva, o Grêmio Gaviões da Fiel consolidou-se como aglutinador de um movimento que já é cultural [...], capaz de significativas doses de mobilização popular” (COSTA, 2015 p.76).

E é sobre essa movimentação e mobilização popular nas quais se debruçou o presente artigo ao traçar uma revisão histórica dos eventos em que a Gaviões da Fiel se posicionou politicamente, com o intuito de demonstrar o ideal presente para além das arquibancadas e desmitificar a união entre futebol e política, trazendo para a discussão o quanto o torcedor organizado tem a capacidade de pensar e agir dentro do universo simbólico. No caso da Gaviões, isso tornou-se um traço de identidade, refutando o estereótipo do torcedor como mero consumidor alienado, indo de encontro à ideia ainda presente do futebol como “ópio do povo”.

Por meio do recorte político e cultural da arquibancada, o vigente trabalho elenca momentos em que as torcidas e o torcedor se demonstraram agentes políticos ativos nas lutas populares, e demonstra as torcidas como um movimento que deve estar inserido nas discussões pautadas na cultura, cidadania e participação política que está longe de ser esgotada.

REFERÊNCIAS

AGUILLAR, Onésimo Rodríguez. **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

BERTÉ, Isabela Lisboa. “Anistia ampla, geral e irrestrita” – um estudo sobre a relação entre futebol, luta pela anistia e torcidas organizadas. *Ludopédio*, São Paulo, v. 79, n. 7, 2016. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/arquibancada/anistia-ampla-geral-e-irrestrita-um-estudo-sobre-relacao-entre-futebol-luta-pela-anistia-e-torcidas-organizadas/>. Acesso em 11 set 2020.

CANALE, Vitor dos Santos. Nossa corrente é forte e jamais se quebrará: a fundação dos Gaviões da Fiel – força independente em prol do Corinthians. *In: Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia, 29.*, 2017. Brasília. Anais [...]. Brasília: UnB, 2017. Disponível em: https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1489609213_ARQUIVO_ArtigoANPUH.pdf. Acesso em: 11 set. 2020

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COUTO, Cláudio Gonçalves Prefácio. *In: HOLLANDA, B. B. B.; NEGREIROS, P. L. (org.). Os gaviões da fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro: 7letras, 2015. p. 13-20.

CORINTIANS, Agência. Time do povo, Corinthians completa 110 anos de glórias. Disponível em: <https://www.corinthians.com.br/noticias/time-do-povo-corinthians-completa-110-anos-de-glorias>. Acesso em 24 Ago 2020.

COSTA, André Lucirton. A organização cordial: ensaio de cultura organizacional do grêmio Gaviões da Fiel. *In: HOLLANDA, B. B. B.; NEGREIROS, P. L. (org.). Os gaviões da fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro: 7letras, 2015. p. 57-94.

DAGNINO, Evelina (2004) “¿Sociedade civil, participação e cidadania: de que estamos falando?” En Daniel Mato (coord.), **Políticas de ciudadanía y sociedad civil en tiempos de globalización**. Caracas: FACES, Universidad Central de Venezuela, pp. 95-110. Disponível em: <https://privatizacaodarua.reporterbrasil.org.br/dadosabertos/bibliografia/Sociedade%20Civil%20Participa%C3%A7%C3%A3o%20e%20Cidadania%20-%20Evelina%20Dagnino.pdf> Acesso em 30 Ago 2020.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política**. São Paulo: Brasiliense, 1984. 100 p.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre: L&PM. 2018. 256 p.

GAVIÕES DA FIEL TORCIDA. NOTA OFICIAL - POSIÇÃO DOS GAVIÕES DA FIEL SOBRE CANDIDATO ANTIDEMOCRÁTICO. 2018 Disponível em: <https://www.facebook.com/gavioesoficial/posts/2054468881296713/>. Acesso em 10 nov. 2020

GUILHON, Marcelo Faria. Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do torcedor e o cerco às torcidas organizadas no Brasil. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de;

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2006.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O rabo do foguete – civilização e barbárie em uma torcida organizada de futebol. In: HOLLANDA, B. B. B.; NEGREIROS, P. L. (org.). **Os gaviões da fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7letras, 2015. p. 21-45.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Torcidas, hinchadas e barras: a problemática torcedora em escala continental. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AGUILLAR, Onésimo Rodríguez. **Torcidas organizadas na América Latina**: estudos contemporâneos. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

HOOLIBRAS | MUNDO DE TORCIDA - GAVIÕES DA FIEL | HISTÓRIA DAS TORCIDAS – ENTREVISTA. Hoolibras. Youtube. Transmitido ao vivo em 27 de mai. de 2020. 3h09min42s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XD2ahEeAf8E&t=6722s> . Acesso em 08 nov. 2020

MCLUHAN, Marshall. Visão, som e fúria. In: LIMA, Luiz Costa (org.). **Teoria da Cultura de Massa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

METRO. EIA-RIMA: **Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental. Capítulo III**. Maio, 2012. Disponível em: http://www.metro.sp.gov.br/metro/licenciamento-ambiental/pdf/linha_18_bronze/eia/volume-iii/Arquivo-20.pdf. Acesso em 24 Ago 2020.

MILLS, John Robert. **Charles Miller**: o pai do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books. 2005. 236 p.

MORAES, José Cláudio de Almeida (Dentinho). Resumo da história dos Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, B. B. B.; NEGREIROS, P. L. (org.). **Os gaviões da fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7letras, 2015. p. 291-295.

MORAES, José Claudio de Almeida. José Claudio de Almeida Moraes “Dentinho” (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 25min). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista2207.pdf>. Acesso em 10 nov. 2020.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. **Resistência e Rendição** - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916, São Paulo: PUCSP, 1992, dissertação de mestrado.

PIVA, Raphael. Apontamentos históricos da torcida corinthiana e dos Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, B. B. B.; NEGREIROS, P. L. (org.). **Os gaviões da fiel**: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7letras, 2015. p. 296-312.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do Sensível: estética e política. 2a Ed, São Paulo; Editora 34, 2009. p.72

RINKE, Stefan. Prólogo. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AGUILLAR, Onésimo Rodríguez. **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

ROCHA, Wildner D'Paula . Wildner D'Paula Rocha (Pulguinha) (depoimento, 2015). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 39min). Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/historal/arq/Entrevista2209.pdf>. Acesso em 10 nov. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez. 2016.

SIMÕES, Irlan. Clientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017. Disponível em: https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/Clientes_versus_Rebeldes.pdf. Acesso em 20 Ago 2020.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A. 2005.

TOLEDO, Luiz Henrique. Torcer: a metafísica do homem comum. **Revista de História**. São Paulo, n. 163, p. 175-189, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i163p175-189>. Acesso em 15 jun. 2020.

THOMPSON, John B. O conceito de cultura. In: THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. 9 Ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.